

## O ORGANIZAR DO “HOMEM EMPREENDEDOR” NO MERCADO DO SEXO: UMA NETNOGRAFIA DO TRABALHO SEXUAL MASCULINO ONLINE NO BRASIL

Diego Pacheco  
*Estudante de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Administração da UNISUL*  
diegu.pacheco@gmail.com

Renato Messias Ferreira Calixto  
*Mestre pelo Programa de Estudos de Linguagens do CEFET-MG e Professor do IFSC*  
renato.calixto@ifsc.edu.br

Josiele Heide Azevedo  
*Estudante de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Administração da UNISUL*  
josiele.azevedo@ifsc.edu.br

Nei Antonio Nunes  
*Professor Doutor do Programa de Pós-graduação em Administração da UNISUL*  
neinunes1969@gmail.com

### Resumo

Trata-se de um estudo qualitativo quanto à abordagem, exploratório e descritivo quanto aos tipos de pesquisa e netnográfico quanto aos procedimentos. Objetiva descrever e analisar o mercado online de trabalho sexual masculino no Brasil por meio da observação dos perfis dos homens trabalhadores do sexo (HTS), bem como das interações dos eventuais clientes em uma plataforma online de anúncios de prostituição masculina. Para isso, adotou-se o modelo de investigação netnográfica desenvolvido por Kozinets (2010). Os principais achados indicam a padronização de informações sobre os corpos dos HTS em uma lógica de mensuração e controle do corpo segmentado pelo mercado, a categorização das performances sexuais, a explicitação do preço, das modalidades de pagamento e dos tipos de serviços oferecidos, reforçando o caráter estritamente econômico da transação, a reprodução das expectativas do mercado sexual pelos HTS por meio da descrição de qualidades e características físicas que otimizam o serviço prestado, a flexibilidade e adaptabilidade exigidas pelo mercado, no qual os HTS devem atender às demandas dos clientes. Por fim, a maneira como os HTS se descrevem, suas ofertas e suas políticas de atendimento evidenciam que atuam como se fossem empresários de si, responsáveis pelo seu marketing, precificação, atendimento ao cliente, gestão de riscos e recursos.

**Palavras-chave:** homens trabalhadores do sexo, prostituição masculina, netnografia.

### Abstract

This is a qualitative study in its approach, exploratory and descriptive in its types of research, and netnographic in its procedures. It aims to describe and analyze the online male sex work market in Brazil by observing the profiles of male sex workers (MSWs) and the interactions of potential clients on an online platform for male prostitution ads. For this, the netnographic investigation model developed by Kozinets (2010) was adopted. The main findings indicate the standardization of information about the MSWs' bodies in a logic of measurement and control of the segmented body by the market, the categorization of sexual performances, the explicit detailing of prices, payment methods, and types of services offered, reinforcing the strictly economic nature of the transaction, the reproduction of the sexual market's expectations by the MSWs through the

description of physical qualities and characteristics that optimize the service provided, and the flexibility and adaptability required by the market, where MSWs must meet client demands. Finally, the way MSWs describe themselves, their offers, and their service policies shows that they act as if they were entrepreneurs of themselves, responsible for their marketing, pricing, customer service, risk management, and resources.

**Keywords:** male sex workers, male prostitution, netnography.

## Introdução

A prostituição no Brasil é uma ocupação lícita mas envolta de estigmas e estranhamentos. É triplamente estigmatizada: na dimensão física, pois pode expor os envolvidos em perigo físico e de morte, na dimensão social, ao ser associada aos grupos estereotipados e alvos de preconceito, e na dimensão moral, ao ser julgada como uma prática pecaminosa e indecente (Arnold *et al.*, 2020). O estigma do trabalho sexual e da homossexualidade, quando combinados, atuam concomitantemente com as desigualdades sociais e ampliam a marginalização desses profissionais (Padilla *et al.*, 2008).

A prostituição masculina pode ser definida como “a provisão de gratificação sexual a um participante da interação por um homem, o prostituto, em troca de dinheiro ou outros bens ou serviços na ausência de apego pessoal ou interesse na relação sexual em si por parte do prostituto” (Pieper, 1979, p. 239, tradução nossa). Os limites do trabalho sexual não são necessariamente definidos, podendo ter ou não a interação sexual. A gratificação pelos serviços prestados pode ser eventual e não monetária, de modo que não raramente esses profissionais não se percebem desta forma (Allen, 1980; Harcourt; Donovan, 2005; Parker, 2006).

No âmbito acadêmico, a prostituição masculina já foi considerada um tabu (Pieper, 1979), entendida como um comportamento sexual desviante ou um “sintoma social”, compreendida a partir das contingências sociais, demandas de sobrevivência e de traumas passados dos homens profissionais do sexo, que passariam a exercer essa ocupação por um processo de deriva social ao se afastarem dos vínculos normativos da família, trabalho e escola (Deisher; Robinson; Boyer, 1971).

A ocupação do homem profissional do sexo também já foi associada às doenças mentais e hereditárias, problemas endócrinos (Pieper, 1979), oriunda de fatores psicológicos (Ginsburg, 1967) e do histórico psicossocial precário (Allen, 1980), relacionada à origem familiar pobre ou de classe média baixa, desestruturada e de grandes cidades (Craft, 1966; Russel, 1971). Além disso, a prostituição estava comumente relacionada à baixa escolaridade (Pieper, 1979), ao alcoolismo, à drogadição, à indigência, às relações sociais superficiais e ausência de futuro (Caukins; Coombs, 1976).

Pesquisas mais recentes, entretanto, observaram os homens trabalhadores do sexo escolhendo racionalmente trabalhar nesta ocupação por verem nela uma carreira profissional (Pruitt, 2005; Minichiello *et al.*, 2008) ou como uma alternativa menos desumanizada dentre as disponíveis (Leichtentritt; Arad, 2005).

Por mais que a prostituição masculina seja tão antiga quanto a feminina (Coleman, 1989), a escassez de pesquisas sobre esse fenômeno vem sendo apontada há algum tempo. Pieper (1979) já indicava que a estigmatização dos sujeitos envolvidos dificultava a publicação de pesquisas sobre o assunto.

Para Allen (1980), Cates (1989), Simon *et al.* (1992), Leichtentritt e Arad (2005) e Raine (2019), por mais que a prostituição masculina seja tão numerosa quanto a feminina, ela não foi tão estudada ou divulgada. No mesmo sentido, os pesquisadores Lee-Gonye, Castle e Gonyea (2009), bem como McLean (2015), indicaram que a prostituição masculina recebe normalmente menos atenção das pesquisas sobre o mercado sexual, sendo necessários novos estudos, em especial sobre a prostituição masculina interna, que ocorre fora das ruas. Mesmo quando o fenômeno da

prostituição masculina é pesquisada, as análises focam nas interações sexuais e outros comportamentos de risco relacionados à infecção pelo HIV, carecendo de uma abordagem mais ampla que reconheça as trajetórias e a organização desses profissionais (Smith *et al.*, 2014).

Callander *et al.* (2020) apontam que o trabalho sexual é criminalizado na maior parte do mundo, sendo rara a pesquisa direta com esses trabalhadores. Tsang *et al.* (2019) indicam a necessidade de estudos que explorem as estratégias de enfrentamento que os homens trabalhadores do sexo utilizam para sobreviver e resistir aos estigmas da profissão, criando espaços de liberdade dentro de um contexto de controle. No mesmo sentido, a pesquisa de Schulte (2023) indica a necessidade de outros estudos acerca da organização cotidiana e das estratégias de resistência de sujeitos estigmatizados, como os trabalhadores do mercado sexual.

Os trabalhos de Leichtentritt e Arad (2005), Parker (2006) e Raine (2019) sugerem a importância de dar voz aos trabalhadores sexuais, compreendendo seus contextos, perspectivas e organização, bem como apontam para a necessidade de visibilizar sujeitos nas pesquisas futuras. Kumar *et al.* (2017) ainda sugerem a realização de estudos qualitativos para entender como os profissionais do sexo identificam a demanda do mercado sexual e desenvolvem um tipo de perfil online para atendê-la, ou seja, transacionando sua identidade profissional.

Outros estudos indicam que o fenômeno da prostituição masculina possui singularidades em comparação com feminina (por exemplo Luckenbill, 1985; Leuridan *et al.*, 2005; Minichiello *et al.* 2008; Weitzer, 2009; Ellison; Weitzer, 2017), demandando pesquisas que possibilitem entender essas especificidades que envolvem a organização ordinária da ocupação.

Deste modo, diante da complexidade da prostituição masculina online, esta pesquisa se propõe descrever e analisar o mercado online de trabalho sexual masculino no Brasil por meio da observação dos perfis dos homens trabalhadores do sexo, bem como das interações dos eventuais clientes em uma plataforma online de anúncios de prostituição masculina.

Trata-se, portanto, de uma pesquisa com abordagem qualitativa, com fins exploratórios e descritivos (Creswell, 2010). Para realizar o objetivo proposto, utilizou-se a netnografia (Kozinets, 2014) como estratégia e análise de conteúdo (Bardin, 2016) para a interpretação dos dados coletados.

A netnografia, enquanto método e estratégia de pesquisa etnográfica, segundo seu criador Kozinets (2014, p. 61-62), “usa comunicações mediadas por computador como fonte de dados para chegar à compreensão e à representação etnográfica de um fenômeno cultural ou comunal”. As cinco etapas propostas por aquele autor foram executadas: 1) definição das questões investigativas; 2) identificação e seleção da comunidade; 3) observação participante da comunidade e coleta de dados; 4) análise dos dados e interpretação dos resultados e 5) redação, apresentação e relato dos resultados.

Para isso, foram coletadas as informações de 284 perfis dos homens trabalhadores do sexo no site garotocomlocal.com.br, as interações que acontecem com os clientes, bem como artefatos (áudios, fotos e vídeos). O site foi escolhido por ser amplamente utilizado, com milhares de perfis, além de viabilizar o contato público entre os prostitutos e clientes. A plataforma separa esses perfis entre os Estados Brasileiros e municípios. Esses perfis coletados estavam disponíveis no Estado de Santa Catarina durante os meses de julho a setembro de 2025, o período de coleta dos dados. que ocorreu utilizando o Google Forms para auxiliar na categorização e arquivamento. Os dados foram analisados utilizando categorias *a posteriori*, advindas do campo (Bardin, 2016).

Nesta pesquisa são utilizados como sinônimos os termos prostitutos, homens trabalhadores do sexo, garotos de programa (GPs), michês ou boys. Estas expressões são consideradas mais amplas e comumente utilizadas por esses profissionais para se identificarem entre si no Brasil (Barreto; Silveira; Grossi, 2012). Da mesma forma, nesta

pesquisa o termo homem se refere aos prostitutos cujo sexo, conforme determinado por marcadores biológicos, foi considerado masculino no momento do nascimento. Com isso, exclui-se da análise os trabalhadores do sexo transgênero por conta das especificidades inerente à esta população (Minichiello *et al.*, 2015).

Em seguida, este texto irá tratar sobre a subjetivação possibilitada por meio do organizar dos homens trabalhadores do sexo no contexto da racionalidade neoliberal.

## **O organizar dos homens trabalhadores do sexo**

A tecnologia tem a capacidade de alterar as relações sociais, a organização e a forma de como os serviços e produtos são transacionados. A medida em que a disponibilidade de computadores aumentou e o acesso à internet se popularizou, mais trabalhadores do sexo encontraram na internet uma ferramenta importante para a captação de clientes, tornando esse meio cada vez mais necessário para a organização ordinária do mercado sexual (Lee-Gonye; Castle; Gonyea, 2009).

A organização dos profissionais do sexo varia conforme a indústria local do sexo, influenciada pela história, fatores sociais e econômicos, repressão policial e regulamentação (Allen, 1980; Harcourt; Donovan, 2005; Parker, 2006). Assim, observa-se a existência desses profissionais em diferentes contextos e modos de trabalho, variando a forma de organização (como os autônomos e aqueles que são agenciados por cafetões ou pelos locais de sexo), a renda e a orientação sexual dos clientes, o local do encontro, entre outras circunstâncias.

A divulgação dos serviços prestados pelos profissionais do sexo por telefone e pelas plataformas online pode ser útil ao permitir acessibilidade, anonimato, segurança, mobilidade, baixos custos, maior lucratividade, flexibilidade, autonomia para a precificação pelo serviço, além de tornar a ocupação menos estigmatizada. (Bimbi; Parsons, 2005; McLean, 2015; Rocha; Holme; Linhares, 2022; Siegel *et al.*, 2024).

O trabalho sexual online permite mais facilmente o rastreamento de ameaças e o pagamento sem envolver o dinheiro em espécie, contribuindo para a segurança dos trabalhadores do sexo e dos seus clientes (Kumar *et al.*, 2017). Além disso, conforme constatou Logan (2016), o trabalho sexual masculino online é comumente realizado sem cafetões ou outros atores intermediários, de modo que os trabalhadores competem entre si e não há a obrigação do compartilhamento dos seus rendimentos.

O uso da internet na prostituição masculina pode estar reduzindo a atuação desses profissionais na rua, em bordeis e em agências, conforme encontrou McLean (2015) no contexto Australiano. A violência, a repressão policial, bem como a necessidade de dividir os ganhos econômicos com os bordeis e agenciadores faz com que os homens profissionais do sexo percebam na internet um espaço mais seguro e eficiente para a organização do trabalho.

## **A produção de subjetividades em meio a racionalidade neoliberal**

Para descrever e analisar o mercado online de trabalho sexual masculino por meio das suas práticas de organização ordinária faz-se necessário um arcabouço teórico que permita compreender a complexidade dos processos de subjetivação que envolvem esse fenômeno. Diante disso, elegeu-se a análise do filósofo francês Michel Foucault sobre a constituição de sujeitos, que permite uma compreensão do objeto deste estudo para além de uma descrição da realidade ou de uma relação causa-efeito, avançando para uma análise dos discursos, saberes e poderes que ultrapassam os sujeitos que atuam no mercado sexual.

Para Foucault (2010), o sujeito é constituído por uma relação histórica e dialógica entre os saberes, interrogando sobre as práticas discursivas, poderes, em suas múltiplas e relacionais manifestações e ética, no sentido da constituição de si

mesmo como sujeito nos jogos de forças sociais (Dreyfus; Rabinow, 1995; Gallo; Veiga-Neto, 2014). Ele enfatiza que as problematizações acerca do sujeito são realizadas, a partir do final do século XIX, em uma perspectiva subjetiva de como cada um se torna aquilo que se é (Andrade; Martins, 2025).

Foucault, enquanto um pós-estruturalista, negou a noção de um sujeito universal e pré-existente, propondo, em vez disso, que a subjetividade é um efeito histórico e relacional, criado a partir das possibilidades de experiências e de pensamento crítico (Castro, 2009; Souza; Furlan, 2018). Para ele, a subjetivação se constitui em um campo de forças sociais onde o sujeito é concomitantemente objeto e agente. Esse processo pode ser realizado por meio de técnicas de dominação (ou assujeitamento) ou por técnicas de si, que possibilita um agir sobre si mesmo (Foucault, 2010).

Essa perspectiva é relevante para o campo da administração e dos estudos organizacionais porquanto possibilita compreender as organizações não apenas como estruturas formais e fixas, mas como campos onde as subjetividades são produzidas a todo momento, reguladas e contestadas (Gonçalves *et al.*, 2024).

O poder, enquanto produtor de subjetividades, não existe sozinho e é compreendido a partir de relações, na condução de condutas. O filósofo francês analisa o contexto constituído por essas relações, identifica os instrumentos para que se manifeste, bem como as relações entre as táticas de poder e seus resultados (Foucault, 2004; Castro, 2009). Ao problematizar o poder, Foucault (1998) deslocou a sua análise para os micropoderes, o poder nas suas extremidades, ou seja, para os espaços de exercício do poder em que o sujeito é constituído. Essa perspectiva relacional e produtiva do poder permite entender como a racionalidade neoliberal, por exemplo, não apenas restringe, mas constitui sujeitos empreendedores de si.

Nesse contexto, as tecnologias do eu (ou práticas de si) são aquelas que:

permitem aos indivíduos efetuar, com seus próprios meios ou com a ajuda de outros, um certo número de operações em seus próprios corpos, almas, pensamentos, conduta e modo de ser, de modo a transformá-los com o objetivo de alcançar um certo estado de felicidade, pureza, sabedoria, perfeição ou imortalidade (Foucault, 2004, p. 234).

Essas práticas não são “atos de liberação”, pois são situadas na história e na cultura, mas um modo de realização da reflexão, da crítica e da resistência do sujeito nos jogos de forças sociais, como uma possibilidade de participação do sujeito no seu processo de subjetivação (Castro, 2009). Diante disso, as práticas de organização ordinárias dos homens trabalhadores do sexo podem ser consideradas práticas de si, um espaço onde o organizar do trabalho sexual pode contribuir para a constituição dos sujeitos.

Uma das análises possíveis do processo de subjetivação dos homens trabalhadores do sexo acontece por meio da organização ordinária. Esta lente epistemológica permite identificar e inventariar as práticas do cotidiano do trabalho sexual, àquelas ações por vezes pequenas, repetitivas, informais, processuais, que podem até passar despercebidas, mas que têm o potencial de constituir contextos e sujeitos, ainda mais em realidades limites, que ultrapassam os limites epistemológicos tradicionais da administração (Possas; Medeiros; Valadão, 2017).

Os estudos organizacionais tradicionais possuem uma perspectiva predominantemente objetivista, em que a organização é determinada pelo ambiente ou pela sociedade. Assim, a organização passa a ser uma estrutura racional com objetivos específicos, por vezes fixa, que reflete ao que acontece ao seu redor, seja se adaptando ou reagindo ao meio (Cooper; Burrell, 1988). Uma perspectiva subjetivista, por outro lado, busca compreender a organização de modo dinâmico, em um contexto micro e macro organizacional e que observa atentamente o comportamento de todos

que fazem a organização acontecer (Peci, 2003).

Para Weick (1979), em seu livro *"The Social Psychology of Organizing"*, os estudos organizacionais deveriam focar no processo de organizar, ou seja, nas ações interdependentes e sequenciais que geram resultados. Deste modo, "o resultado da organização são ciclos interligados, que podem ser representados como *loops* causais em vez de uma cadeia linear de causas e efeitos" (Czarniawska, 2013, p. 15).

A organização, nesta abordagem pós-estruturalista, é compreendida como um "vir a ser" ou "tornar-se", um processo contínuo de ações precárias e parciais, deslocando as análises para as pequenas e cotidianas práticas de organizar. (Alcadipani; Duarte, 2016). Por isso a organização, ao invés de um substantivo, é comumente referida como um verbo no gerúndio (*organizing*), indicando ação, mobilidade e continuidade, em um constante devir de produção sentido, em que os sujeitos se compreendem e compreendem o seu meio através das ações ordinárias (Canon; Mukhtar-Landgren; Fred, 2025; Pimentel; Guilheme; Costa, 2025).

Essa abordagem de compreender a organização é adequada para analisar contextos de trabalho autônomo ou informal, pois mesmo que não tenha uma estrutura organizacional fixa, possuem modos próprios de organização, como é o caso no trabalho dos homens trabalhadores do sexo (Miscione, 2023). Esses sujeitos se ocupam de uma profissão legalizada no Brasil e se organizam de várias formas, gerindo seu tempo, seu corpo, sua aparência e seu espaço de trabalho, seus recursos e sua saúde, captando e atendendo clientes, definindo a precificação do seu serviço e tomando medidas para administrar os riscos que envolvem esse trabalho, como a violência, repressão policial, doenças, exposição, entre outros (Nunes, 2019).

Destaca-se que este trabalho entende a prostituição com resultado de uma escolha racional de trabalho (Pruitt, 2005). Nessa perspectiva, os homens profissionais do sexo gerem o seu trabalho de forma estratégica em um campo profissional, ao invés de serem reduzidas a vítimas de um comportamento ou contexto desviante. Entender como o organizar acontece na internet, por meio dos anúncios, permite compreender como a subjetividade pode ser constituída em um contexto comercial (Pruitt, 2005).

Conforme Dardot e Laval (2016), o neoliberalismo, muito mais do que um conjunto de políticas econômicas ou ideologia, é uma racionalidade que estrutura as ações do Estado, dos governantes e dos governados. Para os autores, "a racionalidade neoliberal tem como característica principal a generalização da concorrência como norma de conduta e da empresa como modelo de subjetivação" (Dardot; Laval, 2016, p. 17).

Assim, o neoliberalismo impõe um modo de ser e de organização de todas as áreas da vida dos sujeitos seguindo a lógica do mercado, produzindo um tipo de sujeito que deve gerir a si mesmo com uma empresa (Foucault, 1998).

O fenômeno do empreendedor de si é visível nos trabalhos autônomos e precários. Sem um empregador, garantias trabalhistas e assumindo todos os riscos inerentes ao seu trabalho, o empreendedor de si é responsável pelos seus ganhos e é compelido maximizar a sua performance, buscando liberdade e autonomia em detrimento de direitos (Dardot; Laval, 2016).

## **O mercado online de trabalho sexual masculino no Brasil**

A organização ordinária do trabalho sexual está longe de ser estática. Inovações tecnológicas como telefones e automóveis, migração em massa, urbanização e mudanças sociais tem implicações na forma de como as profissões são exercidas. Com o declínio do trabalho sexual de rua, as ferramentas de comunicação online passaram a ser instrumentalizadas para a organização do mercado sexual. A migração para o mundo virtual tornou o trabalho sexual mais profissional, competitivo e seguro, além disso, a estrutura dos sites de acompanhantes masculinos, como buscas personalizadas e as avaliações dos clientes, demonstram como o trabalho sexual é gerido como um negócio, com normas de utilização e critérios de qualidade (Kumar et

al., 2017).

Ao escolherem usar as ferramentas da internet para o exercício da profissão sexual, os homens precisam ainda se ocupar de outras atividades da sua organização ordinária, como a construção de um perfil que atenda às demandas do mercado, gerenciar sua reputação online, respondendo às avaliações recebidas e incentivando o registro de avaliações positivas (Cunningham; Kendall, 2016).

O site no qual foram coletadas as informações se vende como “o maior site de acompanhantes masculinos do Brasil”. Nele é possível que os homens trabalhadores do sexo criem perfis gratuitamente. Para isso, é necessário criar uma conta no site e enviar documentos de identificação. Assim que a identidade é verificada, torna-se possível o preenchimento de um formulário com informações para a exibição no site, como nome, telefone, perfil, tipos de serviços prestados, contas de redes sociais e de venda de conteúdo adulto, fotos, áudios e vídeos. Depois que o perfil está disponível online, outras pessoas, como eventuais interessados e clientes, podem comentar neste espaço, permitindo a interação com o garoto de programa.

Dos dados coletados e a partir da lente teórica foucaultiana, emergiram 4 categorias de análise que serão elaboradas a seguir: o corpo como capital e dispositivo de poder, tecnologias do eu e empreendedorismo de si, mecanismos de controle e normalização, a neoliberalização do prazer e da subjetividade.

Na primeira categoria, **o corpo como capital e “dispositivo de poder”**, observou-se nos perfis publicados pelos prostitutas um interesse na automensuração e autoqualificação dos seus corpos por meio da descrição detalhada da idade, altura, peso, “dote” (tamanho do pênis), tipo físico (“atlético”, “magrinho”, “parrudo”, “musculoso”, “bundudo”, “malhado”, “peito peludo”, “rústico”, “definido”, “natural”), transformando o corpo em um conjunto de características vendáveis. O “dote” é exibido em destaque, sendo uma grandeza do valor de mercado, bem como a idade, com a predominância de “novinhos” (de 18 a 25 anos), onde a juventude é um capital.

Observou-se também a descrição de particularidades do prostituto, como “discreto”, “higênico”, “educado”, “simpático”, “cheiroso”, “comunicativo”, “vibe boa”, “atencioso”, “carinhoso”, “homem de alto padrão”, “boa pinta”, “agradável”, “descontraído”, “tranquilo” e “inteligente”, revelando uma autodisciplina que é um diferencial na prestação do serviço. O corpo não é apenas ofertado, mas preparado e condicionado para o consumo, refletindo a docilidade necessária para se enquadrar nas demandas do mercado. A disponibilidade (“atendo 24 hrs”, “flexível”, “curta temporada”) também aponta para a lógica da produtividade.

Termos como “macho alfa”, “viril”, “dominador”, “fugoso”, “marrento”, “pegada de macho”, “putão”, “socar com força”, “sexo selvagem”, “intenso”, “sem dó”, “sádico”, “detonar um cuzinho”, “domina cadelas”, “gosto de comandar” contrastam com “namoradinho”, “carinhoso”, “paciente”, “putinha”, “afeminado”, “beijeiro”. O atendimento aos diferentes públicos, como homens, mulheres, casais (hetero, bi, gay), trans, “iniciantes” e casados, demonstra a tentativa de maximizar o alcance do mercado. As posições sexuais como “ativo”, “passivo”, “versátil” são categorias explícitas. Muitos se declaram versáteis mais ativos, indicando uma preferência de performance que busca atender uma maior quantidade de clientes.

Para os eventuais clientes, o prostituto se posiciona como uma ferramenta para a satisfação das suas fantasias sexuais: “ele me transformou em femeazinha”, “me senti uma menina submissa sendo devorada pelo macho alfa”, “me sentir macho comendo e me senti viado dando”, “ele sabe fazer eu virar uma puta”. Essas frases evidenciam como o homem trabalhador do sexo se torna um meio para que os clientes explorem e performem suas próprias identidades e fetiches sexuais agindo como um facilitador de “tecnologias do eu” para o cliente.

Nos comentários dos eventuais clientes, encontrou-se a recorrência de descrições físicas dos corpos dos homens trabalhadores do sexo, com ênfase na mensuração e valorização de atributos físicos: “jeba de 21 cm”, “dote de 21 cm”, “pau grande e grosso”, “rola enorme, durona”, “corpão definido”, “abdômen trincado”, “pele

macia, bronzeada, lisa", "cheiroso". A "perfeição divina" do corpo é constantemente elogiada (ex: "corpo perfeito", "corpo escultural", "uma delícia por completo"), refletindo a transformação do corpo em uma mercadoria a ser otimizada para o mercado.

A performance sexual também é descrita detalhadamente pelos clientes, indicando a demanda por um corpo disciplinado e condicionado para o seu prazer: "fode muito", "mete gostoso", "socou forte e sem dó", "incansável", "sabe foder muito bem", "goza muito gostoso litros", "arrombou todinho". Termos como "homem viril", "macho alfa", "cavalo" evidenciam a expectativa de uma performance potente e dominante, demonstrando a internalização de padrões de "virilidade" que atendem à demanda do mercado. A capacidade de "dar muito leite" (ejacular abundantemente) também é um diferencial valorizado.

Por fim, observa-se por meio dos comentários dos eventuais clientes, que além da performance física, a personalidade é um diferencial competitivo. Elogios como "simpático", "educado", "gentil", "carinhoso", "discreto", "bom de papo", "inteligente", "humilde", "atencioso", "charmoso", "divertido" são frequentes. O homem trabalhador não vende apenas sexo, mas uma "companhia", uma "energia", uma "experiência completa", que pode incluir "conversas descontraídas", "dicas", e a capacidade de "quebrar o gelo" e "deixar o cliente à vontade", demonstrando a mercantilização de traços de personalidade e habilidades sociais.

Para Foucault (1998), os dispositivos de poder "são um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas". As plataformas de prostituição online, criam espaços onde o prazer se torna um bem de consumo e onde o saber (informações sobre os prostitutos e as avaliações dos clientes) é produzido e publicizado. Destaca-se que este saber nomeia, categoriza e hierarquiza o comportamento dos indivíduos em uma racionalidade neoliberal e heteronormativa, criando arranjos sobre a sexualidade e o corpo.

Na segunda categoria, "**tecnologias do eu**" e "**empreendedorismo de si**", observou-se a constituição de uma marca pessoal por meio do uso de nomes artísticos ("Novinho Gostoso", "Índio Aventureiro", "O Tubarão", "Bravo", "Príncipe Caio", "Ativo Safado", "Baiano 22cm Grosso", "Dominic Stone", "Eduardo Tesudo", "Kaio Pazuado", "Lucas Gaúcho) e a promoção de "experiências únicas", "atendimento premium", "atendimento de qualidade", "alto padrão", "alto nível" e "acompanhante de luxo". O sujeito se apresenta como um "empreendedor de si", responsável por sua própria valorização e sucesso no negócio.

A listagem exaustiva de serviços ("oral", "massagem", "dominação", "beijos", "leita", "fetiches", "pernoites", "viagens", "jantares", "desejos", "passeio", "conversa", "acompanhante em festas e eventos", "atendimento virtual", "bons momentos de autocuidado, satisfação, bem-estar", "companhia para tomar uns drinks", "urofilia", "humilhação") demonstra a fragmentação e precificação de cada ato, transformando-o em um "produto" ou "serviço". A menção a "packs de fotos/videos", "chamada de vídeo", "atendimento diferenciado" e "conteúdo exclusivo", ou ainda "cada programa tem seu valor, pergunte antes", "meu valor é de acordo com meu atendimento, então por favor não peça descontos", além da disponibilização de perfis em plataformas de conteúdo adulto, como o Privacy e OnlyFans, reforça a monetização de todas as possibilidades da experiência, bem como a criação de múltiplas fontes de receita.

Por fim, a verificação dos documentos dos prostitutos e frases como "não estou aqui pra brincadeira", "não gosto de babacas", "evite bloqueios", "não atendo números privados", "dispenso curiosos" revelam a preocupação com a seleção de clientes dentro desse mercado.

Por mais que a organização ordinária dos trabalhadores do sexo seja impactada pelos benefícios que as ferramentas online oferecem para os homens trabalhadores do sexo, as mesmas ferramentas podem trazer malefícios, como riscos de perseguição, vazamento de informações pessoais e retaliações por avaliações negativas, exigindo,

da mesma forma, uma adequação da organização ordinária para diminuir os riscos para a segurança desses trabalhadores (Cunningham; Kendall, 2016).

Nos comentários dos eventuais clientes, também observou-se menções às marcas pessoais dos prostitutos: Eles são "o gp mais top da plataforma", "o *number one* da ilha", "o melhor gato de programa sexual", onde os clientes se tornam "fãs", "clientes fixos", "viciados", "apaixonados", indicando um sucesso na construção de uma reputação que vai além do serviço pontual. E ainda, muitos comentários indicam que os encontros não são isolados: "volte mais vezes", "cliente semanal", "já virei cliente fixo", "próxima é sempre a melhor", "não consigo desgrudar". Há clientes que fazem propostas de "bancar" o garoto de programa, ou que esperam por sua volta em suas cidades, transformando a relação em algo que se assemelha a um "investimento de longo prazo".

A terceira categoria, **mecanismos de controle e "normalização"**, verificou-se que a linguagem dos contratos ("promoção", "pacote", "preços exclusivos", "não negocio cachê abaixo", "quem comprar ganha desconto no presencial", "valor a combinar", "agendamento com antecedência", "20% do cachê no ato do agendamento", "tenho um valor x que cobro e não tem desconto", "cachê: valor por hora + deslocamento") transforma a relação em uma transação formalizada. Mesmo um encontro íntimo é submetido a regras de mercado, com termos e condições claros, em uma contratualização da intimidade.

A menção de "sempre com proteção" ou "minha saúde sempre em primeiro lugar" indica uma internalização da preocupação com a saúde, que pode ser interpretada como uma forma de biopolítica, onde a gestão do corpo individual afeta a saúde coletiva e a manutenção da atividade. A proibição de atender pessoas sob efeito de álcool/drogas também sugere um controle sobre o bom funcionamento da interação.

Apesar de ser considerada uma profissão de risco para a infecção de ISTs, muitos homens trabalhadores do sexo fazem exames regulares de saúde, indicando uma forma de cuidado de si e que pode estar relacionada à organização ordinária desses trabalhadores. De forma semelhante, a utilização de drogas durante a profissão sexual como parte da organização ordinária de si pode ser não apenas um comportamento de risco, mas uma estratégia para a constituição de um sujeito que precisa de drogas para lidar com a profissão (Minichiello *et al.*, 2008).

O saber-poder do discurso medical, constituindo os homens trabalhadores do sexo como vetores de doenças, também gerencia, monitora, categoriza, hierarquiza e patologiza os corpos desses sujeitos, além de contribuir para a constituição de sujeitos estigmatizados por meio do biopoder, afetando inclusive o acesso desses homens aos serviços de saúde, que podem ser acometidos por isolamento social, tratamento mais injusto e desleal (Leuridan *et al.*, 2005; Tsan *et al.*, 2019; Quaipe *et al.*, 2019), tornado esses corpos abjetos ou sujeitos a formas específicas de controle e vigilância. Também se observa como o corpo desses sujeitos se torna um capital a ser negociado pelo mercado sexual e, ao mesmo tempo, um território de risco, em que seus corpos são diretamente afetados pela sua ocupação.

O uso de termos como "alto padrão", "educado", "gentleman", "classe", "discreto", "respeitoso" tenta conferir um aparente profissionalismo e respeitabilidade a uma atividade estigmatizada, podendo ser uma forma de normalizar a prática dentro de um quadro aceitável pelo mercado.

Achado semelhante foi encontrado nos comentários eventuais dos clientes, para quem o profissionalismo é um tema constante. Os prostitutos são descritos como quem "sabe conduzir", "não invade sua liberdade", "se preocupa com a experiência de forma total", "realiza todas as expectativas", "é muito profissional". A capacidade de "realizar fetiches" sem julgamento, de ser "mente aberta e sem tabus", e de gerenciar o tempo do encontro ("não conta tempo") são qualidades de um serviço focado na satisfação total do cliente.

A última categoria, **a neoliberalização do prazer e da subjetividade**, indica que a forma de como cada homem trabalhador do sexo se descreve, seu serviço, sua

política de atendimento, pode indicar que atuam como pequenas empresas de si mesmos, já que são responsáveis por seu *marketing*, precificação, atendimento ao cliente, gestão de riscos e recursos (como o próprio corpo).

A busca por "gozar gostoso", "muito prazer", "satisfação", "experiência única e inesquecível" reflete a lógica neoliberal de maximização do prazer e do lucro. O corpo é otimizado para a entrega de uma experiência de consumo.

Deste modo, os homens trabalhadores do sexo de certo modo reproduzem a normatividade neoliberal ao atenderem as expectativas da governamentalidade do mercado, ao condicionarem seus corpos para à prostituição.

## Considerações finais

A pesquisa objetivou descrever e analisar o mercado online de trabalho sexual masculino no Brasil, utilizando a netnografia para observar os perfis dos prostitutos e as interações em uma plataforma online de anúncios. Os principais achados demonstram a relevância da lente foucaultiana e da racionalidade neoliberal para a compreensão do organizar desses trabalhadores.

Os dados coletados permitem concluir que os homens trabalhadores do sexo atuam como "empreendedores de si", gerindo a sua prestação de serviço. A organização ordinária do trabalho sexual online, que inclui o marketing pessoal, precificação, atendimento ao cliente e gestão de riscos e recursos, é atravessada pela racionalidade neoliberal.

A descrição detalhada do corpo, a categorização das performances sexuais, e a mercantilização de traços de personalidade demonstram a transformação do corpo e da identidade em um conjunto de características vendáveis e aprimoradas para o consumo. Além disso, observou-se que a plataforma online atua como dispositivo de poder, criando espaços onde o saber é produzido.

Por fim, algumas práticas de organização ordinária, como a gestão da reputação online e a criação de múltiplas fontes de receita, podem ser vistas como tecnologias do eu e representar um modo de agir sobre si e de resistência, permitindo à esses trabalhadores construir um espaço de segurança e lucratividade em um contexto de precariedade.

As limitações da pesquisa estão na exclusão de trabalhadores transgênero e no recorte temporal e geográfico. Diante disso, sugere-se que pesquisas futuras explorem a organização ordinária dos michês transgêneros, uma análise em outras plataformas para verificar a generalização das categorias encontradas e o impacto das avaliações dos clientes nas estratégias de resistência desses trabalhadores.

## Referências

ALCADIPANI, R.; DUARTE, M. F. Contribuições do organizar (organizing) para os Estudos Organizacionais. **Organizações & Sociedade**, Salvador, v. 23, n. 76, p. 57-72, 2016. DOI: 10.1590/1984-9230763.

ALLEN, D. M. Young Male Prostitutes: A Psychosocial Study. **Archives of Sexual Behavior**, v. 9, n. 5, p. 399-426, 1980. DOI: 10.1007/BF01542199.

ANDRADE, B. S. C.; MARTINS, V. R. O. Regimes de verdade e mídias sociais: desdobramentos nos processos de subjetivação da comunidade surda. **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 27, p. 1-19, 2025. DOI: 10.20396/etd.v27i00.8675522.

ARNOLD, K. A.; TURNER, N.; BARLING, J.; IVERSON, R. D. Feeling safe while doing sex work: Motivation for entering sex work moderates the relationship between perceptions of physical danger and desire to leave sex work. **Safety Science**, v. 129, 2020. DOI: 10.1016/j.ssci.2020.104795.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARRETO, L. C.; SILVEIRA, C. D.; GROSSI, M. P. Notas etnográficas sobre prostituição masculina em Florianópolis: entre o trabalho, o afeto e a sexualidade. **Revista de Ciências Humanas**, v. 46, n. 2, p. 511-534, 2012. DOI: 10.5007/2178-4582.2012v46n2p511.

BIMBI, D. S.; PARSONS, J. T. Barebacking Among Internet Based Male Sex Workers. **Journal of Gay & Lesbian Psychotherapy**, v. 9, n. 3-4, p. 85-105, 2005. DOI: 10.1300/J236v09n03\_06.

CALLANDER, D.; MEUNIER, É.; DeVEAU, R.; GROV, C.; DONOVAN, B.; MINICHELLO, V.; KIM, J.; DUNCAN, D. Investigating the effects of COVID-19 on global male sex work populations: a longitudinal study of digital data. **Sexually Transmitted Infections**, 2020. DOI: 10.1136/sextrans-2020-054550.

CANON, R.; MUKHTAR-LANDGREN, D.; FRED, M. Organising integrated urban mobility: actions, roles and identities in an evolving landscape. **Mobilities**, p. 1-15, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1080/17450101.2025.2484233>.

CASTRO, E. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CATES, J. A. Adolescent Male Prostitution by Choice. **Child and Adolescent Social Work**, v. 6, n. 2, p. 131-139, 1989. DOI: 10.1007/BF00756114.

CAUKINS, S. E.; COOMBS, N. R. The Psychodynamics of Male Prostitution. **American Journal of Psychotherapy**, v. 30, n. 3, p. 441-451, 1976. DOI: 10.1176/appi.psychotherapy.1976.30.3.441.

COLEMAN, E. The development of male prostitution activity among gay and bisexual adolescents. **Journal of Homosexuality**, v. 17, n. 1-2, p. 131-150, 1989. DOI: 10.1300/J082v17n01\_06.

COOPER, R.; BURRELL, G. Modernism, postmodernism and organizational analysis: An introduction. **Organization Studies**, London, v. 9, n. 1, p. 91-112, 1988. DOI: 10.1177/017084068800900112.

CRAFT, M. Boy Prostitutes and their Fate. **British Journal of Psychiatry**, v. 112, n. 483, p. 1111-1114, 1966. DOI: 10.1192/bjp.112.483.1111.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Porto Alegre: ARTMED, 2010.

CUNNINGHAM, S.; KENDALL, T. D. Examining the Role of Client Reviews and Reputation within Online Prostitution. In: CUNNINGHAM, S.; SHAH, M. (Ed.). **The Oxford Handbook of the Economics of Prostitution**. Oxford University Press, 2016. p. 1-37. DOI: 10.1093/oxfordhb/9780199915248.013.17.

CZARNIAWSKA, B. Organizations as Obstacles to Organizing. In: ROBICHAUD, D.; COOREN, F. (Org.). **Organization and Organizing**: Materiality, Agency and Discourse. v. 1. New York: Routledge, p. 3-22, 2013. DOI: 10.4324/9780203094471.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEISHER, D. E.; ROBINSON, W. J.; BOYER, G. E. Male prostitution: a psychosocial view of behavior. **Archives of Sexual Behavior**, v. 1, n. 6, p. 503–518, 1971. DOI: 10.1007/BF01541190.

DREYFUS, H.; RABINOW, P. Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

ELLISON, G.; WEITZER, R. The Dynamics of Male and Female Street Prostitution in Manchester, England. **Men and Masculinities**, v. 20, n. 2, p. 181-203, 2017. DOI: 10.1177/1097184X15625318.

FOUCAULT, M. **Ditos e escritos V: ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

\_\_\_\_\_. **O governo de si e dos outros**. São Paulo: Forense Universitária, 2010.

\_\_\_\_\_. Sobre a história da sexualidade. In: \_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1998, p. 243-276.

GALLO, S.; VEIGA-NETO, A. Foucault pensa a educação: ensaio para uma filosofia da educação. In: AQUINO, J. G.; REGO, T. C. (Orgs.) **Foucault pensa a educação: o diagnóstico do presente**. São Paulo: Segmento, 2014.

GINSBURG, K. N. The "Meat-Rack": A Study of the Male Homosexual Prostitute. **American Journal of Psychotherapy**, v. 21, n. 2, p. 170-185, 1967. DOI: 10.1176/appi.psychotherapy.1967.21.2.170.

GONÇALVES, G. L.; PACHECO, D.; CARDOSO, R. E.; ANDREOLA, J. F.; AZEVEDO, J. H.; NUNES, N. A. Considerações sobre a importância das análises foucaultianas do poder para os estudos críticos em administração: das abordagens genealógicas às práticas do organizing. **Revista de Gestão e Secretariado**, São José dos Pinhais, v. 15, n. 12, p. 1-17, 2024. DOI: 10.7769/gesec.v15i12.4537.

HARCOURT, C.; DONOVAN, B. The many faces of sex work. **Sexually Transmitted Infections**, London, v. 81, n. 3, p. 201-206, jun. 2005. DOI: 10.1136/sti.2004.012468.

KOZINETS, R. V. **Netnografia: Realizando Pesquisa Etnográfica Online**. Porto Alegre: Penso, 2014.

KUMAR, N.; MINICHELLO, V.; SCOTT, J.; HARRINGTON, T. A Global Overview of Male Escort Websites. **Journal of Homosexuality**, v. 64, n. 12, p. 1731-1744, 2017. DOI: 10.1080/00918369.2016.1265356.

LEE-GONYEA, J. A.; CASTLE, T.; GONYEA, N. E. Laid to Order: Male Escorts Advertising on the Internet. **Deviant Behavior**, v. 30, n. 4, p. 321-348, 2009. DOI: 10.1080/01639620802168858.

LEICHTENTRITT, R. D.; ARAD, B. D. Young Male Street Workers: Life Histories and Current Experiences. **British Journal of Social Work**, v. 35, n. 4, p. 483-509, 2005. DOI: 10.1093/bjsw/bch192.

LEURIDAN, E.; WOUTERS, K.; STALPAERT, M.; VAN DAMME, P. Male sex workers in Antwerp, Belgium: a descriptive study. **International Journal of STD & AIDS**, v. 16, n. 11, p. 744-748. 2005. DOI: 10.1258/095646205774932313.

LOGAN, T. D. The economics of male sex work. In: CUNNINGHAM, S.; SHAH, M. (Org.).

**The Oxford handbook of the economics of prostitution.** v. 1. Oxford: Oxford University Press, p. 255-281, 2016. DOI: 10.1093/oxfordhb/9780199915248.013.10.

LUCKENBILL, D. F. Entering male prostitution. **Journal of Contemporary Ethnography**, v. 14, n. 2, p. 131–153, 1985. DOI: 10.1177/089124168501400201.

MCLEAN, A. 'You can do it from your sofa': The increasing popularity of the internet as a working site among male sex workers in Melbourne. **Journal of Sociology**, v. 51, n. 4, p. 887-902, 2015. DOI: 10.1177/1440783313480416.

MINICHIELLO, V.; SCOTT, J.; CALLANDER, D. A new public health context to understand male sex work. **BMC Public Health**, v. 15, n. 1, 2015. DOI: 10.1186/s12889-015-1498-7.

MINICHIELLO, V.; MARINO, R.; BROWNE, J.; JAMIESON, M.; PETERSON, K.; REUTER, B.; ROBINSON, K. Male Sex Workers in Three Australian Cities. **Journal of Homosexuality**, v. 42, n. 1, p. 29-51, 2008. DOI: 10.1300/J082v42n01\_02.

MISCIONE, G. Digital organizing outside organizations, WikiLeaks' whistle and Snowden's flute. **PuntOorg International Journal**, v. 8, n. 2, p. 136-155, 2023. DOI: 10.19245/25.05.pij.8.2.1.

NUNES, M. H. "Onde os desejos se realizam num piscar de olhos: garotos de programa, trânsitos e mercados do sexo. In: OLIVEIRA, T. (Org.). **Homens no mercado do sexo: reflexões sobre agentes, espaços e políticas.** Salvador: Devires, p. 183-208, p. 2019.

PADILLA, M.; CASTELLANOS, D.; GUILAMO-RAMOS, V.; MATIZ REYES, A.; SÁNCHEZ MARTE, L. E.; ARREDONDO SORIANO, M. Stigma, social inequality, and HIV risk disclosure among Dominican male sex workers. **Social Science & Medicine**, v. 67, n. 3, p. 380-388, 2008. DOI: 10.1016/j.socscimed.2008.03.014.

PARKER, M. Core groups and the transmission of HIV: Learning from male sex workers. **Journal of Biosocial Science**, v. 38, n. 1, p. 117-131, jan. 2006. DOI: 10.1017/S0021932005001136.

PECI, A. Estrutura e ação nas organizações: algumas perspectivas sociológicas. **Revista de Administração de Empresas**, v. 43, n. 1, p. 1-12, 2003. DOI: 10.1590/S0034-75902003000100004.

PIEPER, R. Identity Management in Adolescent Male Prostitution in West Germany. **International Review of Modern Sociology**, v. 9, n. 2, p. 239-259, jul.-dez. 1979.

PIMENTEL, A. C. O. S.; GUILHERME, L. L.; COSTA, A. S. M. O bloco de carnaval Loucura Suburbana e o processo de gestão da desconstrução asilar no Instituto Municipal Nise da Silveira. **RGSA - Revista de Gestão Social e Ambiental**, v. 19, n. 2, p. 1-19, 2025. DOI: <https://doi.org/10.24857/rgsa.v19n2-073>.

POSSAS, M. C.; MEDEIROS, C. R. O.; VALADÃO, V. M. Organizing: compreendendo interações e práticas do grupo galpão. **Revista de Administração de Empresas**, v. 57, n. 5, p. 439-452, 2017. DOI: 10.1590/S0034-759020170503.

PRUITT, M. V. Online Boys: Male-for-Male Internet Escorts. **Sociological Focus**, v. 38, n. 3, p. 189-203, 2005. DOI: 10.1080/00380237.2005.10571265.

QUAIFE, M.; LEPINE, A.; DEERING, K.; TERRIS-PRESTHOLT, F.; BEATTIE, T.; ISAC, S.; PARANJAPPE R. S.; VICKERMAN, P. The cost of safe sex: estimating the price

premium for unprotected sex during the Avahan HIV prevention programme in India. **Health Policy and Planning**, p. 1-8, 2019. DOI: 10.1093/heapol/czz100.

RAINE, G. Violence Against Male Sex Workers: A Systematic Scoping Review of Quantitative Data. **Journal of Homosexuality**, 2019. DOI: 10.1080/00918369.2019.1656029.

ROCHA, L. E. C.; HOLME, P.; LINHARES, C. D. G. **The global migration network of sex-workers**. *Journal of Computational Social Science*, v. 5, p. 969-985, 2022. DOI: 10.1007/s42001-021-00156-2.

RUSSELL, D. H. On the psychopathology of boy prostitutes. **International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology**, v. 15, n. 1, p. 49-52, 1971. DOI: 10.1177/0306624X7101500110.

SCHULTE, B. E. Sex Workers: The Outside/r's Outsider. **Excursions**, v. 13, n. 1, p. 171-189, 2023. DOI: 10.20919/exs.13.2023.383.

SIEGEL, K.; CABÁN, M.; BROWN-BRADLEY, C. J.; SCHRIMSHAW, E. W. "It's almost like playing 'The Price is Right'": factors considered by online male sex workers when setting the price for their services. **Archives of Sexual Behavior**, v. 53, n. 9, p. 3639-3653, 2024. DOI: 10.1007/s10508-024-02957-8.

SIMON, P. M.; MORSE, E. V.; OSOFSKY, H. J.; BALSON, P. M.; GAUMER, H. R.. Psychological Characteristics of a Sample of Male Street Prostitutes. **Archives of Sexual Behavior**, v. 21, n. 1, p. 33-44, 1992. DOI: 10.1007/BF01542715.

SMITH, M. D.; GROV, C.; SEAL, D. W.; BERNHARDT, N.; McCALL, P. Social-Emotional Aspects of Male Escorting: Experiences of Men Working for an Agency. **Archives of Sexual Behavior**, 2014. DOI: 10.1007/s10508-014-0344-9.

SOUZA, P. F.; FURLAN, R. A questão do sujeito em Foucault. **Psicologia USP**, v. 29, n. 3, p. 325-335, 2018. DOI: 10.1590/0103-656420170057.

TSANG, E. Y.; QIAO, S.; WILKINSON, Jeffrey S.; FUNG, A. L.; LIPELEKE, F.; LI, X. Multilayered Stigma and Vulnerabilities for HIV Infection and Transmission: A Qualitative Study on Male Sex Workers in Zimbabwe. **American Journal of Men's Health**, v. 13, n. 1, p. 1-11, 2019. DOI: 10.1177/1557988318823883.

WEICK, K. E. **The social psychology of organizing**. 2. ed. New York: Addison-Wesley, 1979.

WEITZER, R. Sociology of Sex Work. **Annual Review of Sociology**, v. 35, p. 213-234, 2009. DOI: 10.1146/annurev-soc-070308-120025.